



Norbert Elias: a contribuição da Sociologia para a História europeia

Francisco Bethencourt

Práticas da História, n.º 4 (2017): 11-36

www.praticasdahistoria.pt

Francisco Bethencourt

Norbert Elias: a contribuição da Sociologia para a História europeia

Norbert Elias (1897-1990) é, desde a década de 1970, um dos mais influentes nomes da Sociologia. O seu trabalho renovou as ligações entre Sociologia, História e Psicanálise. Elias lançou novos temas de investigação, como a sociedade dos costumes, o controlo das emoções, as minorias de recém-chegados, ou o envelhecimento. A sua visão de uma sociedade de indivíduos, baseada na interdependência, desafiou a ideia de estrutura. O seu trabalho, aberto à teoria dos jogos, deve ainda ser visto em paralelo com o trabalho de outros autores, como Michel Foucault ou Pierre Bourdieu.

Palavras-chave: interdependência, emoções, indivíduos, sociologia histórica.

Norbert Elias: the contribution of Sociology to European History

Norbert Elias (1897-1990) became one of the most influential sociologists from the 1970s to the present. He renewed the connection between sociology, history and psychoanalysis. Elias launched new subjects of study, such as the society of manners, court society, control of emotions, minorities of new comers, old age. His vision of a society of individuals, based on interdependence, challenged the idea of structures. His work, open to game theory, has to be seen in parallel to the work of Michel Foucault and Pierre Bourdieu.

Key words: interdependence, emotions, individuals, historical sociology.

Norbert Elias: a contribuição da Sociologia para a História europeia

Francisco Bethencourt*

A obra de Norbert Elias intitulada *Über den Prozess der Zivilisation* (*Sobre o Processo Civilizacional*) foi eleita, em 1999 e por parte dos membros da Associação Internacional de Sociologia, como um dos dez livros mais importantes de Sociologia do século XX¹. Este reconhecimento tardio é notável por duas razões: antes do mais, Elias foi ignorado pelos seus colegas até 1969, data em que esta obra foi de novo publicada, 30 anos após a primeira edição; em segundo lugar, o autor exprimiu várias vezes a sua crítica sobre o fechamento da Sociologia no presente. De facto, Elias construiu uma obra de investigação e de reflexão relativamente à mudança dos costumes, dos comportamentos e das normas de interacção social na Europa na perspectiva da longa duração. Ele renovou a Sociologia Histórica, então quase completamente abandonada pelos seus colegas. Se o seu trabalho foi reconhecido a contragosto, ele não deixou, porém, de beneficiar de uma extraordinária recepção junto de historiadores e de psicólogos.

Qual foi a novidade do trabalho de Norbert Elias no que diz respeito aos objectos e aos métodos de investigação? De que forma é que ele alterou a nossa visão da História europeia? Qual foi a recepção da

* King's College, Londres.

Este artigo corresponde a um capítulo do livro *Historiens d'Europe, Historiens de l'Europe* (Ceyzérieu: Champ Vallon, 2017), dirigido por Denis Crouzet. Tradução para português de Pedro Cerejo.

1 Norbert Elias, *Über den Prozess der Zivilisation: soziogenetische und psychogenetische untersuchungen*, vol. 2 (Berna: Franke, [1939] 1969). A investigação para este artigo beneficiou de informação reunida na página da Internet da Fundação Norbert Elias: <http://www.norberteliasfoundation.nl/>

sua obra entre os historiadores? Como explicar o seu sucesso tardio? Como explicar a amplificação, até aos nossos dias, do interesse pela sua obra quando tantos outros investigadores em História e em Ciências Sociais, muito mais importantes para os seus contemporâneos do que ele foi em vida, praticamente desapareceram das livrarias e da discussão interdisciplinar? Estas questões guiam a nossa investigação que se estruturará em torno de três secções: a biografia, a análise da obra e a recepção.

Trajectórias europeias²

Norbert Elias nasceu em 1897 na comunidade judaica alemã de Breslau. O seu pai, que possuía uma empresa têxtil, pertencia à classe média abastada. Os seus estudos decorreram em Breslau, e foram interrompidos por causa da sua incorporação no Exército alemão durante a Primeira Guerra Mundial, onde serviu no sector de transmissões entre 1915 e 1917. De regresso a Breslau, estudou Medicina, Psicologia e Filosofia na universidade. Por volta de 1920, decidiu abandonar a Medicina e prosseguir uma carreira em Filosofia, continuando a aprendizagem científica a desempenhar um papel importante na sua formação.

Elias obteve o seu doutoramento em 1924, sob a direcção de Richard Höningwald, mas teve que aceitar um acordo de revisão da sua tese que versava sobre *Idee und Individuum: Ein Beitrag zur Philosophie der Geschichte* (A ideia e o indivíduo: uma contribuição para a Filosofia da História). De facto, ele tinha rejeitado as perspectivas neo-kantianas do seu professor, sobretudo a noção de categorias universais consideradas como essenciais e inerentes ao comportamento humano, e

² Nesta secção fui conduzido por Eric Dunning e Jason Hughes, *Norbert Elias and modern sociology: knowledge, interdependence, power, process* (Londres: Bloomsbury, 2013); Richard Kilminster, *Norbert Elias and Post-Philosophical Sociology* (Londres: Routledge, 2007); Stephen Mennell, *Norbert Elias: An Introduction* (Dublin: University College Dublin Press, 1998); Robert van Krieken, *Norbert Elias* (Londres: Routledge, 1998); Goudsblom, Johan e Stephen Mennell, ed., *Norbert Elias Reader: a Biographical Selection* (Oxford: Blackwell, 1998); Norbert Elias, *Interviews and Autobiographical Reflections*, ed. Edmund Jephcott *et al.* (Dublin: University College Dublin, 2013), muito mais abrangente do que *Norbert Elias par lui-même*, traduzido do alemão por Jean-Claude Capèle (Paris: Fayard, 1991).

desligadas de toda a experiência. Deste curto período, durante o qual conheceu Karl Jaspers e Edmund Husserl, ele conservou o capital de leituras de Ernst Cassirer que tinha feito, nomeadamente as páginas relativas à ideia de um mundo estruturado por relações no seio das quais os símbolos desempenham um papel de primeira ordem enquanto factores de orientação. No entanto, Elias apresentou as suas reservas quanto à ausência de uma investigação sobre as relações sociais concretas em Cassirer; o que o aproximará da Sociologia. Ele foi também influenciado pela leitura de Freud, que mais tarde considerou estar entre as mais decisivas. Durante este período na Universidade de Breslau, esteve activo no movimento sionista Blau Weiss: aí conheceu Erich Fromm, Leo Strauss, Leo Löwenthal e Gershom Sholem. Tratar-se-ia do único empenhamento político militante de toda a sua vida.

Norbert Elias mudou de universidade e de disciplina após obter o doutoramento. Em 1925, partiu para Heidelberg, onde trabalhou com Alfred Weber na escrita da sua tese de habilitação, intitulada *Die Bedeutung der Florentiner Gesellschaft und Kultur für die Entstehung der Wissenschaft* («A significação da sociedade e da cultura florentina para o desenvolvimento da ciência»). O afastamento em relação à Filosofia aproximou-o de Karl Mannheim, que era então um jovem investigador na universidade. Em 1930, quando Mannheim obteve um lugar na Universidade de Frankfurt, Elias acompanhou-o como assistente. Aí abandonou o seu primeiro projecto de habilitação e lançou-se num novo tema de estudo, *Der höfische Mensch* («O Homem da Corte»). Ele só terminou o manuscrito no início do ano de 1933, mesmo antes da tomada do poder pelos Nazis, mas a defesa da tese não chegou a acontecer. O livro só seria publicado em 1969³.

Ao longo desses anos em Heidelberg e em Frankfurt, Elias avançou nas suas leituras dos clássicos da Sociologia – Comte, Marx, Durkheim, Max Weber –, mas também dos historiadores e das fontes que estavam

³ Norbert Elias, *Die höfische Gesellschaft. Untersuchungen zur Soziologie des Königtums und der höfischen Aristokratie mit einer Einleitung: Soziologie und Geschichtswissenschaft* (Neuwied: Luchterhand, 1969). O livro foi traduzido por Pierre Kamnitz e publicado com o título *La Société de cour* (Paris: Calmann-Lévy, 1974).

relacionadas com os seus temas de habilitação. Em Frankfurt, o Departamento de Sociologia da universidade partilhava o mesmo edifício com o Institut für Sozialforschung, que era dirigido por Max Horkheimer. Mesmo se os dois organismos eram independentes entre si, Elias pôde manter boas relações com os seus colegas, sobretudo com Theodor Adorno. Embora com orientações diferentes – tendo Elias tomado as suas distâncias em relação à perspectiva marxista –, ambos partilhavam um interesse comum pela obra de Freud.

Forçado ao exílio, Elias viajou para a Suíça (Março-Abril de 1933) e em seguida refugiou-se em França, em Paris (1933-34), onde procurou em vão trabalho nas universidades. Ele criou mesmo uma pequena fábrica de brinquedos, que não teve grande sucesso, ao mesmo tempo que começou a trabalhar num projecto de investigação sobre o processo de civilização. Em 1935, decidiu estabelecer-se em Londres, onde obteve uma bolsa de investigação por parte de uma fundação judaica de apoio aos refugiados, e desenvolveu o seu projecto frequentando a British Library. Na sua obra, é evidente que Norbert Elias integrou o trabalho de investigadores que provavelmente tinha lido anteriormente: William James, cujos livros *Principles of Psychology* (1890) e *Varieties of Religious Experience* (1902) tinham tido um enorme impacto internacional, ou Johan Huizinga, cuja obra *Herfsttij der Middeleeuwen* («O Outono da Idade Média») tinha sido publicada em 1919 e traduzida em diversas línguas; mas também de sociólogos, antropólogos e psicólogos norte-americanos e ingleses menos conhecidos na Alemanha, como William Graham Sumners, Morris Ginsberg, William Ogburn, Charles Hubbard Judd, Elsie Clews Parsons e Emory S. Bogardus.

Ao longo de todos estes anos, Norbert Elias teve o apoio dos pais, que o visitaram em Londres no ano de 1938, mesmo antes da eclosão da guerra. O pai chegou a financiar a publicação, em 1939, de *Über den Prozess der Zivilisation* por parte de um editor alemão exilado na Suíça. Elias lamentou sempre não os ter conseguido persuadir a ficarem em Inglaterra. Eles regressaram a Breslau: o pai morreu ali em 1940 e a mãe foi internada no campo de concentração de Auschwitz, onde morreu, provavelmente no ano seguinte.

A vida de Norbert Elias em Inglaterra esteve longe de ser fácil. Karl Mannheim tinha arranjado uma posição na London School of Economics (LSE) e, em 1939, ofereceu um lugar de assistente a Elias; mas o desencadear da guerra e a evacuação da LSE para Cambridge foram seguidos pelo internamento de Elias nos campos de detenção destinados aos alemães, austríacos e italianos, então suspeitos de serem inimigos. Ele foi libertado ao fim de oito meses; passando depois a viver de substituições temporárias em lugares na universidade e destinados à educação de adultos.

Após a guerra, Elias criou o Group Analysis e o Group Analytic Society com Sigmund H. Foulkes (nascido Fuchs), que eram dedicados à psicoterapia, mas foi só em 1954 que acabou por obter uma posição permanente como professor universitário em Leicester, por convite de Ilya Neustadt. John Goldhorpe juntou-se a eles em 1957 e o Departamento de Sociologia, criado em 1959, tornou-se no mais importante viveiro de jovens investigadores de Inglaterra. Nomes como os de Martin Albrow, Nicos Mouzelis, Anthony Giddens ou Keith Hopkins comprovam o calibre dos assistentes e a interdisciplinaridade do Departamento, que era capaz de recrutar especialistas em História Antiga como Hopkins.

Norbert Elias reformou-se em 1962. Ao longo dos seus anos de ensino, frequentou os congressos internacionais de Sociologia, mas sem impacto significativo. Mesmo junto dos seus assistentes, então mais sensíveis à perspectiva marxista, a sua influência não foi além do imenso charme que emanava da sua pessoa (ele era um apaixonado pela conversa, tal como Neustadt) e da sua permanente capacidade de empenhamento intelectual. Convidado pela Universidade do Gana em 1962, Elias deu aulas durante dois anos. Ele reuniu então uma importante colecção de arte africana, posteriormente exposta em Leicester. De regresso a Inglaterra, Elias reactivou a sua ligação com a Universidade de Leicester através de contratos anuais.

1969 constitui o ano crucial da sua vida. Aos 72 anos, decidiu voltar a publicar a obra *Über den Prozess der Zivilisation* e editar, pela primeira vez, a sua tese de habilitação, *Die höfische Gesellschaft*. Tal-

vez a atmosfera intelectual europeia estivesse finalmente madura para permitir a difusão dos seus trabalhos, escritos mais de 30 anos antes. O interesse pelo marxismo ainda era grande, mas anunciava-se a viragem: o movimento de Maio de 1968 tinha tornado as perspectivas ortodoxas algo fora de moda, ao passo que a Psicologia e a Psicanálise suscitavam uma paixão renovada. Todavia, há que destacar aqui a publicação por Norbert Elias de um estranho «textbook», típico da cultura universitária anglo-saxónica, mas estruturado de uma forma completamente original. Trata-se do livro *Was ist soziologie?*, que data de 1970 e provém, portanto, da nova conjuntura intelectual: traduzida logo depois em várias línguas, esta obra apresenta a Sociologia sob um novo ângulo, a contra-corrente, desconstruindo as «categorias sociológicas», seguindo o modelo do que, 40 anos antes, Elias tinha feito com as categorias universais filosóficas⁴. Tratava-se de uma limpeza do terreno do ponto de vista ideológico, por via da refutação dos pressupostos das correntes dominantes da disciplina – marxismos e funcionalismos – com vista a propor as noções cruciais de interdependência e de configurações sociais, e a afinar uma perspectiva empírica, de longa duração, da economia psíquica e afectiva humana, na qual era integrada a teoria dos jogos, à época uma das novidades do seu trabalho.

O impacto da operação editorial de Norbert Elias do biénio 1969-1970 foi extraordinário, com traduções em várias línguas, seguidas de cursos e seminários sobre a sua obra. Pela primeira vez na vida, Elias foi levado a sério, e convidado pelas principais universidades norte-americanas, holandesas, alemãs e francesas; foi nomeado investigador no Zentrum für Interdisziplinäre Forschung da Universidade de Bielefeld, de 1978 a 1982, e foi distinguido como doutor *honoris causa* das universidades de Bielefeld e de Estrasburgo. Em 1977, enquanto primeiro laureado com o prémio Theodor Adorno da cidade de Frankfurt, foi apresentado ao público por Wolf Lepenies. Em 1985, foi convidado por Pierre Bourdieu a proferir um conjunto de conferências no Collège de France e na École des Hautes Études en Sciences Sociales. Em 1988, foi também o

⁴ Norbert Elias, *Was ist Soziologie?* (Munique: Juventa, 1970), traduzido por Yasmin Hoffman, *Qu'est-ce que la sociologie?* (Aix-en-Provence: Pandora, 1981).

primeiro recipiendário do prémio europeu Amalfi para a Sociologia e as Ciências Sociais, e, em 1989, recebeu o prémio italiano Nonino.

Resumindo, Elias tornou-se num *maître à penser*, o que ninguém teria podido prever durante as décadas de 1940 e 1950. Mas o mais extraordinário é que, antes da sua aposentação em 1962, ele só tinha publicado alguns artigos e um livro, o tal sobre o processo de civilização. A reedição de 1969, acompanhada da publicação dos dois outros livros cruciais entre 1969 e 1970, deu lugar a uma cascata contínua de publicações ao longo das décadas de 1970 e 1980. É verdade que em 1965 tinha redigido um livro importante com John S. Scotson, *The Established and the Outsiders: A Sociological Enquiry into Community Problems*, mas que antes de 1970 não tinha sido levado em conta.

Em 1978, Norbert Elias decidiu radicar-se em Amesterdão. O centro das suas actividades deslocou-se da Inglaterra para os Países Baixos e a Alemanha. Aí, a sua criatividade floresceu: ele publicou nessa altura livros decisivos sobre a noção de tempo, sobre o desporto e o lazer, a condição humana, a solidão dos moribundos, a sociedade dos indivíduos; ele também escreveu ensaios sobre temas muito variados, nomeadamente sobre os alemães, os problemas de identidade e os momentos de ruptura civilizacional. Ele também deixou um conjunto de manuscritos quase completos sobre assuntos importantes como a teoria dos símbolos ou Mozart, que foram publicados após a sua morte. Em 1983, criou em Amesterdão uma fundação destinada à gestão da sua herança intelectual. Morreu em 1990, aos 93 anos, deixando 15 livros publicados e mais de 150 artigos. O seu legado intelectual está agora conservado no Deutsche Literaturarchiv, em Marbach am Neckar. A Fundação Norbert Elias lançou o jornal *Figurations*, actualmente publicado em formato digital com o título *Human Figurations*, e organizou a publicação da sua obra completa em 18 volumes por parte da University College Dublin Press⁵.

⁵ Norbert Elias, *Collected Works*, ed. Richard Kilminster, et al., 18 vol. (Dublin: University College Dublin Press, 2006-2014). A publicação da obra de Norbert Elias em alemão (ele escreveu a maior parte dos seus trabalhos na sua língua original) foi feita em paralelo pela Suhrkamp Verlag em Frankfurt.

Uma obra eurocentrada

Os dois volumes sobre o processo de civilização abrem com uma reflexão histórica sobre as razões sociológicas da oposição entre cultura e civilização na Alemanha: uma oposição que se deve à relativa autonomia do mundo universitário e à separação entre classe média e aristocracia, ao passo que em França o empenhamento dos intelectuais na sociedade de corte tinha contribuído não só para a difusão das regras de etiqueta e das normas de comportamento mas também para a aproximação entre as duas noções. O espaço da produção intelectual, assim como as interdependências tecidas (ou não) entre as diferentes classes sociais estão no cerne da perspectiva de Elias. Mas a sociogénese dos valores também fez a sua entrada no discurso sócio-histórico, sob a inspiração da análise de textos filosóficos, literários e económicos. Os pares de valores antitéticos – profundidade/ligeireza, sinceridade/duplicidade, virtude autêntica/gentileza exterior – são mobilizados pelo meio intelectual germânico como forma de exprimir o seu *ethos* que é estruturado pela noção de formação (*Bildung*).

Todavia, Elias vai ainda mais longe na sua análise: ele realça a transição da noção alemã de cultura do plano interno para o plano externo, implicando a intromissão de preconceitos internacionais e de imagens estereotipadas, desta vez relativas aos franceses. O outro elemento da reflexão mostra como os intelectuais franceses desenvolveram a ideia de civilização, derivada da sua reflexão integrada sobre a política, a economia, a cultura, a sociedade e os valores. Desta forma, a noção de civilização subsumia todas as realizações científicas, técnicas, políticas, económicas e sociais e era instrumentalizada tanto em oposição à barbárie como para definir uma hierarquia de feitos entre países concorrentes⁶.

Esta investigação sobre a produção social das ideias e dos valores foi seguida pelo estudo da noção de civilidade, introduzida no debate público em 1530 por Erasmo no seu livro *De civilitate morum puerilium libellus*, um programa que visava a educação das crianças. O

6 Norbert Elias, *La Civilisation des mœurs*, 11-73.

controlo do corpo, dos gestos, do vestuário, das expressões faciais, portanto o controlo das emoções e das aparências, encontrava-se no cerne deste tratado. Elias inquiria se o sentimento de pudor teria conhecido uma deslocação na época de Erasmo; ele destacava a transição entre a cortesia feudal-cavaleiresca e a civilidade da Renascença, que envolveu outros grupos sociais em ascensão. Os tratados de «civilidade», especialmente os tratados sobre as maneiras à mesa, multiplicaram-se a partir do século XVI. Elias aplicou-se a seguir a diferenciação e a crescente complexidade da etiqueta à mesa, mas alargou a sua pesquisa às funções do corpo: como satisfazer as necessidades naturais, como se assoar, como cuspir ou como dormir? Também as relações sexuais são escrutinadas, com a tónica colocada na tendência de privatização de uma prática pública, que se torna cada vez mais discreta, regulada pelo sentimento de pudor e apreendida a partir da noção de autodisciplina.

A modificação da estrutura psíquica dos indivíduos, a passagem das pulsões mais elementares à obrigação social, a transição da coerção externa à coerção interna, são fenómenos identificados e colocados por Elias no centro do processo de civilização, sendo Freud citado em apoio no que diz respeito ao desenvolvimento do superego e do inconsciente individual, no seio do qual a fantasia e o medo encontram o seu lugar. Na realidade, as estruturas afectivas do homem (sim, Elias escreveu muito antes da contestação em relação às designações universais masculinas são consideradas como uma realidade total que orienta o comportamento. As normas de expressão da agressividade, que variam de um país para o outro e de um período para o outro, são estudadas em função da publicitação do castigo, que é cada vez mais privatizado, longe dos espectáculos que atraíam multidões nos séculos XVI e XVII⁷.

O segundo volume de *Über den Prozess der Zivilisation* apresenta outras inovações para a época. Antes de mais, a sociogénese do Estado, inserida num quadro de comparação no tempo (entre o feudalismo e a monarquia) e no espaço europeu (Inglaterra, França e Alemanha). A monopolização da dominação supõe um processo não-linear de curialização

⁷ Ibid., 77-297.

dos guerreiros, de afirmação de uma linhagem vencedora, de definição de um território onde os interesses locais e regionais se tornam interdependentes. É esta visão colectiva, baseada nos interesses de vários grupos sociais em competição por um mesmo espaço, que molda a visão de um Estado em ruptura com as concepções esquemáticas do poder definido seja como um regulador social ou como uma expressão da luta de classes. Trata-se de uma interpretação que coloca no centro da análise a dinâmica de competição no seio das elites e entre as ordens sociais, mas também a interdependência crescente entre os diferentes níveis de organização dos territórios, onde intervêm a nobreza, a Igreja e os municípios.

Esta interpretação põe em causa a distinção entre a economia e a política, uma vez que rejeita a ideia de segmentação das esferas de actividade que dependeriam de um passado no qual a diferenciação de funções não é linear e em que a violência física está sempre presente. A monopolização do poder advém da socialização. O regime absolutista reflecte a pluralidade de tensões que operam entre os diferentes grupos da nobreza e da burguesia, incluindo a nobreza de toga e a burguesia corporativa no sistema dos privilégios.

Foi esta visão da complexidade do Antigo Regime em França que permitiu a Elias tomar posição contra uma visão esquemática da revolução de 1789, na medida em que esta foi um revelador de todas as interdependências sociais da época precedente. Simultaneamente, ele analisou a configuração política de Inglaterra, que era diferente e que levou a uma redução da margem de manobra do rei e a uma aliança entre diferentes grupos sociais concorrentes. Por fim, o desenvolvimento do Estado e dos seus aparelhos de controlo, baseados no monopólio fiscal e no monopólio da coerção física (ou da violência, *cf.* Max Weber), esteve ligado ao aumento da massa monetária em circulação. O financiamento da guerra tornou-se a mais importante das motivações, mas a afirmação do poder monetário do Estado, dependente dos recursos orçamentais, não parou de suscitar conflitos e de impor mudanças de equilíbrio entre os diversos grupos sociais⁸.

8 Norbert Elias, *La Dynamique de l'Occident.*, 9-183.

O fio condutor do texto de Elias diz respeito às alterações, no tempo e no espaço, das configurações sociais. A noção de configuração ainda não estava bem definida, mas já estava implícita; ela permite identificar a diferença dos equilíbrios e das tensões sociais entre a França, a Inglaterra e o Sacro Império, incluindo os regimes políticos e as formas institucionais, que são consideradas como expressão da relação de forças mas que condicionam também essas mesmas relações. A noção de Estado e a sua análise sistemática (naturalmente, para a época) surgem entre as novidades mais importantes do livro.

Mas o segundo volume contém uma última parte intitulada «Esboço de uma teoria da civilização», na qual as ideias principais do primeiro volume são retomadas para apresentar uma visão de conjunto da estrutura psíquica dos indivíduos da sociedade europeia. A passagem da coerção social à auto-coerção é colocada no centro da transformação do *habitus* (conjunto de disposições de comportamento), uma transformação alimentada pela curialização dos guerreiros, a contenção das pulsões, o domínio das emoções, a normalização dos comportamentos, a emergência do pudor e do embaraço. Os mecanismos de diferenciação das funções, as exigências de mobilidade social e a crescente complexidade social são responsáveis pela instalação deste enorme processo de transformação da economia psíquica. A influência de Freud é bem visível nesta análise. Nunca ninguém tinha desenvolvido uma análise histórica desta amplitude. Há que assinalar aqui um ponto de origem na gênese da história das emoções, em que a reflexão de Elias contribuiu para modificar a visão da História europeia graças à introdução da Psicologia e da Psicanálise⁹.

A publicação de *Die höfische Gesellschaft* em 1969, o mesmo ano da reedição de *Über den Prozess der Zivilisation*, desempenhou um papel decisivo na difusão do pensamento de Elias. É verdade que as conclusões principais do volume sobre a sociedade de corte, escrito entre 1929 e 1933, tinham sido condensadas no livro sobre o processo da civilização, na sua edição de 1939. Mas o volume inteiramente dedicado

⁹ Ibid., 187-324.

à sociedade de corte oferecia uma riqueza de detalhes sobre o método do autor e o alcance da sua análise histórica que confortava os leitores interessados no cruzamento entre História, Sociologia, Psicologia e Estudos Literários. A interdisciplinaridade, praticada desde há séculos, tinha conhecido um novo nível de competência com a geração de Georg Simmel, Max Weber ou Émile Durkheim, logo seguida pela geração de Marcel Mauss, Karl Mannheim ou Max Horkheimer; mas as décadas de 1950-1960 tinham sido marcadas pelo desenvolvimento dos conhecimentos especializados, movimento que ainda se prolonga até aos dias de hoje.

O livro de Norbert Elias possui um fôlego e uma frescura admiráveis. Ele estabelece ligações inesperadas: o estudo das estruturas do *habitat* (a forma das casas e as utilizações dadas às diferentes divisões), por exemplo, permite uma análise sociológica das ordens e dos grupos sociais do Antigo Regime através da habitação. Esta análise concentra-se em Versalhes, é certo, mas extravasa a análise da sociedade de corte. O *habitat* como expressão da desigualdade social é aqui objecto de um estudo detalhado, que demonstra as *nuances* e as formas de hierarquia mesmo no seio das elites. O luxo é alvo de uma investigação que permite a Elias evocar Max Weber e Thorstein Veblen para precisar que “numa sociedade em que cada atitude de um indivíduo tem um valor de representação social, os gastos de prestígio e de representação das camadas superiores são uma necessidade à qual ninguém pode fugir”¹⁰.

A contradição entre as crescentes necessidades de estatuto da nobreza e a estagnação dos rendimentos é assinalada por Elias, que complexifica a oposição entre o *ethos* nobre, assente no consumo de prestígio, e a orientação económica das classes burguesas profissionalizadas. É realçado o estilo de vida dos financeiros e o impacto da moda, que estimula a nobreza e se repercute noutros grupos sociais. O capítulo sobre a estrutura da despesa permite-lhe entender melhor as diferentes racionalidades sociais e as respectivas estratégias para o sucesso em liça,

10 Utilizo aqui a reedição da tradução francesa com prefácio de Roger Chartier, que inclui, pela primeira vez, o prefácio original de Elias: Norbert Elias, *La Société de cour* (Paris: Flammarion, 1985), 43.

ao mesmo tempo que realça, invocando Montesquieu, a combinação de rigidez e mobilidade na sociedade de corte, aí incluindo a decadência e a ruína de famílias nobres. O capítulo sobre a etiqueta e a lógica do prestígio é o capítulo central do livro, visto que Elias desmonta aí um modelo de organização social que teve influência nos salões dos aristocratas e dos financeiros do século XVIII. A significação das cerimónias para a definição das hierarquias e a sua constante manipulação por parte do rei (embora gozando este de uma margem de manobra estreita) permitem analisar a corte como uma bolsa de valores, na qual a importância de cada indivíduo depende do favor do rei, o que impõe uma prática constante de observação recíproca e de controlo dos afectos e das emoções, num jogo permanente de truques, de simulações e de interacções táticas. O jogo das aparências, a importância da opinião e a honra vista como valor mais elevado definem, assim, a sociedade de corte como um modelo de organização social baseado na dependência. Lembremo-nos, a este propósito, do sociólogo Erving Goffman: os seus estudos sobre *The Presentation of Self in Everyday Life* (1956), *Behaviour in Public Spaces* (1963) e *Interaction Ritual* (1967) foram traduzidos em França em 1973 e 1974, sincronizadamente com a tradução das obras principais de Elias. Goffman foi então precedido por Norbert Elias, que, no entanto, posteriormente o reconheceu como um dos sociólogos mais inovadores.

A relação entre estrutura social e estrutura pessoal é realçada por Elias, que recusa a separação entre indivíduo e sociedade, mas também a segmentação artificial dos indivíduos em entidades económicas, sociais ou culturais. Elias também recusa a noção de sistema para evitar a ideia de compartimentação, preferindo a noção mais aberta de «formação», que aplica à sociedade de corte¹¹. Ele também assinala, para o caso francês, sob o reinado de Luís XIV, a homologia entre a sociedade de corte e o classicismo artístico caracterizado pela ordenação distintiva de estruturas despojadas de ornamentação excessiva. A monopolização do poder pelo rei após a derrota da Fronde é analisada à luz da mudança de comportamento da nobreza. As atitudes tradicionais de

11 Ibid., 149-51.

promoção e de defesa da honra a todo o custo, mesmo frente ao rei, já não eram possíveis. Elas já não eram realistas. No entanto, a curialização da nobreza de sangue não foi seguida do abandono de um certo «romantismo» das percepções tradicionais, de ora em diante fixadas num quadro controlado pelo rei. As *Mémoires* do duque de Saint-Simon, uma das fontes principais de Elias, projectam esse sentimento de perda para a crítica ao mau-gosto do jardim de Versalhes. Ali, o rei divertia-se a tyrannizar a natureza, metáfora saborosa de um projecto político que tinha como fim não só as conquistas territoriais mas também a submissão e a colocação da nobreza em situação de dependência¹².

Esta linha de argumentação confirma que Elias esteve sempre atento aos reversos, às resistências, às oposições que anunciam as mudanças e as rupturas. É desta forma que ele interpreta a filosofia francesa das Luzes (termo que considera, aliás, equívoco) como uma reacção contra a dependência do homem da corte, prisioneiro de normas de conduta estritas, contra a contenção dos sentimentos, expressa especialmente por Rousseau¹³. A explosão da sentimentalidade na literatura de meados do século XVIII é, aliás, lida a partir dessa chave por numerosos autores¹⁴. O livro termina com as origens da revolução francesa, e sobretudo com a recusa da análise simplista de uma luta de classes entre nobreza e burguesia. A disparidade entre posição social e poder social na sociedade de corte prova, segundo Elias, a instabilidade da distribuição de poder numa formação que se tornou cristalizada, cuja capacidade de absorção da mobilidade social se reduziu ao longo do tempo, excluindo do monopólio do poder as camadas e os grupos sociais que, vendo-se confrontados com uma situação a todos os níveis bloqueada, acabam por optar pela violência como meio de mudança¹⁵.

12 Ibid., 255-56. A interpretação do jardim de Versalhes como tradução do projecto político real de expansão territorial foi desenvolvido por Chandra Mukerji, *Territorial Ambitions and the Gardens of Versailles* (Cambridge: Cambridge University Press, 1997).

13 Norbert Elias, *La Société de cour*, *op. cit.*, 109-10.

14 Indico aqui apenas um autor tardio que ligou esta explosão de sentimentos na literatura com a emergência da empatia com as minorias, dando origem à noção de Direitos do Homem, expressão formulada por Rousseau: Lynn Hunt, *Inventing Human Rights. A History* (Nova Iorque: W. W. Norton, 2007).

15 Norbert Elias, *La Société de cour*, 307-16.

Há, evidentemente, limites nestas obras principais, particularmente a antiga concepção de uma História dos acontecimentos contra a qual Elias se posicionava e que já estava ultrapassada aquando da publicação destas. Há também o carácter restrito das fontes sobre as quais construiu a sua investigação. Há ainda a recorrência a esquematismos num modelo que, no entanto, se queria flexível, aberto e baseado na ideia de interdependência.

São estes limites que explicam a publicação de *Was ist soziologie?* De facto, este livro responde à necessidade de superação das micro-probleáticas históricas e de promoção de uma teoria e de um método esboçados desde o final da década de 1920, mas que são simultaneamente depurados e desenvolvidos não apenas por via de uma reflexão heurística, mas também por uma prática de ensino. Ao centro são colocadas as críticas da separação entre indivíduo e sociedade e da visão da acção social pensada em termos de «esferas», fossem económica, política ou cultural. A visão da interdependência dos indivíduos como constitutiva das formações sociais é coroada pela noção de configuração (*figuration*, em inglês), que resulta das relações de forças entre os diferentes grupos de interesse e das relações entre as elites e as massas da população num dado momento histórico. A concepção de Estado resulta desta perspectiva holística, no seio da qual as instituições e as políticas são moldadas por relações de interdependência definidas por relações de força entre grupos de interesse. O Estado é assim função dos processos de diferenciação e de integração de toda a sociedade. A noção instrumental marxista do Estado contemporâneo, visto como expressão dos interesses económicos da burguesia, é criticada pelos seus limites – entre os quais o facto de resultar da ideologia liberal que pressupõe a autonomia da esfera económica. O problema da distribuição do poder é assim colocado no centro de um pensamento orgânico, baseado nas interdependências que operam de baixo para cima, que integram os vectores das relações de força que se exercem em todos os domínios da actividade social¹⁶.

16 Norbert Elias, *Qu'est-ce que la sociologie?*, cap. 5.

Esta perspectiva relacional, como veremos mais à frente, será uma fonte de inspiração para muitos investigadores. A teoria dos jogos, introduzida de forma inesperada por Elias neste livro, torna a abordagem ainda mais enfática, visto que a noção de campo aberto à participação de jogadores que dispõem de possibilidades variadas contribui para a recusa das visões estáticas ou cristalizadas, que não dão conta das mudanças permanentes e das diferentes configurações que as sequências (ou as possibilidades) do jogo abrem ou fecham. Esta perspectiva é utilizada por Elias para criticar os pressupostos articulados ao conceito de imutabilidade social; pressupostos que assombram a Sociologia desde Marx, que tinha insistido na ideia de continuidade cumulativa em tensão, rompida pela revolução operária que abria o caminho à harmonia universal e ao fim da História, até Talcott Parsons, que tinha privilegiado a estabilidade na sua noção de sistema social, sendo a mudança considerada como uma anomalia do estado normal de equilíbrio. Durkheim não é poupado pela teoria de Elias, visto que este tinha pensado a autonomia do elemento económico e o papel central da divisão social do trabalho; para Elias, pelo contrário, os laços emocionais e simbólicos entre as pessoas deveriam fazer parte de uma investigação cujo objecto é reconstituir a totalidade dos fenómenos sociais. Elias não menciona Marcel Mauss e a noção de fenómeno social total, mas é possível constatar uma afinidade notável de raciocínio metodológico¹⁷.

O que é surpreendente é o recurso a Auguste Comte, mobilizado por Elias para indicar os fundamentos da disciplina, a ruptura com a Filosofia, a perspectiva de longa duração, a reflexão sobre as relações entre investigação científica e conhecimento social. É verdade que Elias critica o determinismo de Comte, baseado numa perspectiva de transformação cristalizada nas etapas do progresso do pensamento humano, ao contrário do que fará Marx, mas ele próprio não está longe de uma visão evolucionista, embora aberta e não-linear¹⁸.

17 Marcel Mauss, *Œuvres*, apresent. Victor Karady, 3 vols. (Paris: Minit, 1968-1969).

18 Norbert Elias, *Qu'est-ce que la sociologie?*, cap. 1.

A visão de Elias é definida nestes três livros mas ele alargou substancialmente a sua investigação nos últimos 20 anos da sua vida. Antes de mais, desenvolveu as suas ideias relativas à crítica da separação entre indivíduo e sociedade e entre sociedade e Estado. O seu livro *Die Gesellschaft der Individuen*, publicado em 1987, inclui três textos: a conclusão de *Über den Prozess der Zivilisation*, de 1939; um manuscrito redigido entre os anos 1940 e 1950, que trata da consciência de si e dos outros; e, finalmente, um texto do anos 1980 sobre as transformações do equilíbrio nós-eu¹⁹. O processo de individualização e de privatização que decorre da diferenciação das funções sociais está ligado à reflexão psicológica, mas é colocado numa dinâmica na qual o sentido colectivo não desapareceu. A modificação da posição do indivíduo em relação à família, à escola, à comunidade local ou ao Estado levanta o problema da multiplicidade de tarefas e das diferentes identidades acumuladas. A mutabilidade permanente da consciência de si e as possibilidades oferecidas pelas diferentes configurações sociais estão no centro desta perspectiva. A capacidade de distanciamento de si-próprio varia no decorrer da evolução social. O problema do conflito entre estabelecidos e recém-chegados (*established and outsiders*), já estudado durante os anos 1960, é aqui retrabalhado a propósito da importância das migrações na época contemporânea e do desenvolvimento de identidades transfronteiriças que resulta da livre circulação e da mobilidade profissional dos indivíduos²⁰. A dupla realidade do Estado, definido enquanto unidade simultaneamente protectora e destrutiva, está ligada aos ensaios escritos sobre o Nazismo, a Alemanha e a Segunda Guerra Mundial, sendo que o livro termina com uma última reflexão sobre a ascensão dos direitos humanos e do individualismo entendidos como expressão da lenta passagem do Estado nacional à humanidade como unidade dominante²¹.

19 Norbert Elias, *Die Gesellschaft der Individuen* (Frankfurt: Suhrkamp, 1987); traduzido por Jeanne Étore, prefácio de Roger Chartier, *La Société des individus* (Paris: Fayard, 1991).

20 Norbert Elias e John L. Scotson, *The Established and the Outsiders: A Sociological Enquiry into Community Problems* (Londres, Frank Cass, 1965); traduzido por Pierre-Emmanuel Dauzat, *Logiques de l'exclusion. Enquête sociologique au coeur des problèmes d'une communauté* (Paris, Fayard, 1994).

21 Norbert Elias, *La Société des individus*, sobretudo 283-301.

O leque de problemas sociológicos e históricos convocados por Elias diversifica-se ao longo do anos 1980. A Sociologia do Conhecimento foca-se em torno das noções de envolvimento e de distanciação²². Elias aprofunda ainda mais a sua investigação sobre os problemas da guerra e a identidade alemã²³. As questões da violência entre os Estados, dos projectos de supremacia e da dominação política da Europa são analisadas nestes textos. A solidão dos moribundos é um outro grande tema do debate sociológico. Elias critica a visão demasiado serena de Ariès sobre a Idade Média e destaca a evacuação da morte no mundo contemporâneo, a medicalização do sofrimento afastado da família, o isolamento das pessoas idosas, que perdem a sua independência e o seu poder estando submetidas a uma alteração radical da sua posição na sociedade. O contraste entre o prolongamento médico da vida e a morte escondida é analisado de forma justa.

Mas há mais: um dos mais belos livros de Norbert Elias é aquele que escreveu com Eric Dunning sobre a Sociologia do Desporto²⁴. O controlo da violência num ambiente de lazer, no qual a prática desportiva reproduz as batalhas parlamentares, é confrontado com a fronteira fluida entre o disciplinamento dos comportamentos e a imitação das guerras, o apaziguamento dos conflitos através do jogo em contraste com a violência dos hooligans, que são descritos como excluídos sociais dos segmentos mais baixos da classe operária. O estatuto da mulher não é objecto de um estudo específico, mas Elias introduziu referências úteis sobre as diferentes realidades sociais nos seus ensaios. A arte e a

22 Norbert Elias, *Engagement und Distanzierung. Arbeiten zur Wissenssoziologie I*, traduzido por Michèle Hulin, prefácio de Roger Chartier, *Engagement et distanciation: Contributions à la sociologie de la connaissance* (Paris, Fayard, 1993).

23 Norbert Elias, *Humana Conditio: Beobachtungen zur Entwicklung der Menschheit am 40. Jahrestag eines Kriegsendes (8 Mai 1985)* (Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985 [apenas foi publicado um excerto em francês, na revista *Le Genre Humain* 24-25, (1992)]; *id.*, *Studien über die Deutschen: Machtkämpfe und Habitusentwicklung im 19. und 20. Jahrhundert*, ed. Michael Schröter (Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1989) (traduzido noutras línguas mas não em francês). Elias publicou outros textos sobre o nazismo que foram recolhidos nos volumes de ensaios das obras completas publicadas paralelamente pela Suhrkamp e pela University College Dublin Press em alemão e em inglês.

24 Norbert Elias e Eric Dunning, *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilizing Process* (Oxford: Blackwell, 1986), traduzido por Josette Chicheportiche e Fabienne Duvigneau com prefácio de Roger Chartier, *Sport et civilisation: La violence maîtrisée* (Paris: Fayard, 1994).

música são muitas vezes evocadas nos seus escritos, tendo dedicado um livro a Mozart²⁵.

Por fim, o ensaio sobre o tempo, um tema curiosamente negligenciado pelos historiadores, é talvez o livro mais estimulante de Elias e o mais eficaz na crítica de uma narratividade histórica tradicional que é edificada sobre compartimentos e domínios de especialização artificiais²⁶: uma escrita densa sobre as concepções do tempo e a sua relação com o espaço no campo filosófico e científico, sobre as práticas de organização do tempo em História, em função de diferentes necessidades de integração, de orientação e de comunicação das formações sociais, e sobre as percepções do tempo físico e social na vida quotidiana. Se Elias sempre esteve fascinado pela Sociologia do Conhecimento, este livro sobre o tempo é, a meu ver, o mais bem sucedido. Nele são integrados os símbolos, tão importantes na orientação social, que sempre seduziram Elias e sobre os quais ele escreveu o seu último ensaio²⁷.

Elias para lá de Elias

A lista de traduções elencada na página da Internet da Fundação Norbert Elias é impressionante. As suas obras completas foram publicadas em alemão e em inglês, mas as traduções em espanhol, português, holandês, italiano e francês cobrem a maioria das suas obras. Há também um número importante de traduções em japonês, russo, polaco, húngaro, farsi e turco. Mais importante ainda, as edições não pararam nos anos 1990; houve um conjunto significativo de reedições e de novas traduções em diferentes línguas dos ensaios menos conhecidos²⁸. Também impressionante é a quantidade de biografias (indicadas mais à frente) e de publicações sobre Elias ou inspiradas por Elias. Menciono aqui apenas, por um lado, os quatro volumes organizados por Eric

25 Norbert Elias, *Mozart: Zur Soziologie eines Genies*, ed. Michael Schröter (Frankfurt: Suhrkamp, 1991).

26 Norbert Elias, *Über die Zeit: Arbeiten zur Wissenssoziologie II* (Frankfurt: Suhrkamp, 1984), traduzido por Michel Hulin, *Du temps* (Paris: Fayard, 1997).

27 Norbert Elias, *Symboltheorie* (Frankfurt: Suhrkamp, 2001).

28 Ver: <http://norberteliasfoundation.nl/elias/bibliography.php>.

Dunning e Stephen Mennell e editados em 2003 com o contributo (ou a recolha de textos) de dezenas de sociólogos, psicólogos e historiadores²⁹ e, por outro lado, as dezenas de outros livros colectivos sobre Elias, que, nalguns casos, dizem respeito a disciplinas específicas das ciências sociais³⁰. Avultam também estudos dedicados à recepção em cada país, nomeadamente em França³¹. Naturalmente, os métodos de Elias foram aplicados a temas sobre os quais ele dedicou pouca atenção, como o racismo e a raça (Eric Dunning), o estatuto da mulher (Annette Treibel) ou a história da alimentação como parte do processo de civilização (Stephen Mennell)³².

Elias concentrou-se na História europeia como a história do espaço que ele próprio estava em condições de dominar correctamente para as suas experiências de teoria e de prática de investigação em Sociologia Histórica, mas a sua obra estimulou prospecções que abrangem outras partes do mundo. Os estudos sobre as formas de civilidade e a importância dos objectos artesanais no Japão provêm certamente de uma tradição local³³, mas encontraram pontos de cruzamento com a obra do sociólogo que, além disso, inspirou directamente outras pesquisas³⁴. A Ásia, nomeadamente Singapura, chamou a atenção de outros autores atentos ao seu método³⁵. Também a América Latina foi investida por análises estimuladas pela noção de processo de civilização³⁶.

29 Eric Dunning e Stephen Mennell, ed., *Norbert Elias*, 4 vol. (Londres, Sage, 2003).

30 Ver Sophie Chevalier e Jean-Marie Privat, ed., *Norbert Elias et l'anthropologie: «nous sommes tous si étranges»* (Paris: CNRS, 2004).

31 Marc Joly, *Devenir Norbert Elias. Histoire croisée d'un processus de reconnaissance scientifique: la réception française* (Paris: Fayard, 2012).

32 Ver a recolha de Eric Dunning e Stephen Mennell, ed., *Norbert Elias, op. cit.*, vol. II e III; Stephen Mennell, *All Manners of Food: Eating and Taste in England and France from the Middle Ages to the Present* (Urbana: University of Illinois Press, 1996).

33 Ver a obra de Eiko Ikegami, *Bonds of Civility. Aesthetic Network and the Political Origins of Cultural Japan* (Cambridge: Cambridge University Press, 2005).

34 Johan Arnason, *Social Theory and Japanese Experience: the Dual Civilisation* (Londres: Kegan Paul, 1997).

35 Georg Stauth, *Elias in Singapore: Oriental City - European Society. Civilising Processes and Successful Globalization in a Tropical City* (Bielefeld: Universität Bielefeld, 1997).

36 Fred Spier, *Religious Regimes in Peru: Religion and State Development in a Long Term Perspective and the Effects in the Andean Village of Zurite* (Amsterdão: Amsterdam University Press, 1992).

A Europa, por seu turno, assistiu a uma renovação de estudos estimulada por Elias³⁷. Registaram-se também tentativas paralelas que intervieram sobre a disciplina e o seu impacto na economia psíquica, e que se debruçaram, com Michel Foucault por exemplo, sobre a prisão, as percepções da loucura e a história da sexualidade³⁸. Aliás, a perspectiva de Foucault foi alargada por uma das suas discípulas à esfera da raça e da educação sexual no contexto colonial³⁹. Os estudos consolidaram-se de forma recíproca. Ainda em França, Pierre Bourdieu coordenou a entusiástica recepção de Norbert Elias, um fenómeno surpreendente tendo em conta as suas próprias origens (mesmo se críticas) marxista e weberiana, mas que se explica pelo facto de a sua perspectiva relacional, baseada na noção de “campo”, se ter podido cruzar com a noção eliasiana de interdependência. Roger Chartier foi o mais activo divulgador e defensor da obra de Elias, dando os seus prefácios a várias traduções bem conta disso.

Não seria normal que a obra de Elias não tivesse dado origem a críticas, espontaneamente expressas também por alguns discípulos. Daniel Gordon, no seu livro *Citizens Without Sovereignty. Equality and Sociability in French Thought, 1670-1789*, publicado em 1994, e Emmanuel Le Roy Ladurie, na sua obra *Saint-Simon ou le système de la cour*, publicada em 1997, rejeitaram a visão de Elias de uma sociedade de corte que teria sido lugar de criação de uma civilidade, isto é, de uma civilização dos costumes baseada na gentileza e no controlo das pulsões⁴⁰. Gordon pôs em causa a visão difusionista do modelo da sociedade de corte, de cima para baixo, o paralelo entre hierarquia e distinção e a perspectiva estática da cultura e da civilização. Eu não

37 Helmut Kuzmics e Roland Axtmann, *Authority, State and the National Character: The Civilising Process in Austria and England, 1700-1900* (Aldershot: Ashgate, 2007).

38 Michel Foucault, *Surveiller et punir: naissance de la prison* (Paris: Gallimard, 1975); *id.*, *Histoire de la folie à l'âge classique* (Paris: Gallimard, 1976); *id.*, *Histoire de la sexualité*, 3 vols. (Paris: Gallimard, 1976-1984).

39 Ann Laura Stoler, *Race and the Education of Desire: Foucault's History of Sexuality and the Colonial Order of Things* (Durham N.C.: North Carolina University Press, 1995).

40 Daniel Gordon, *Citizens Without Sovereignty. Equality and Sociability in French Thought, 1670-1789* (Princeton: Princeton University Press, 1994); Emmanuel Le Roy Ladurie, *Saint-Simon ou le système de la cour* (Paris: Fayard, 1997).

partilho estas críticas, que esquematizam a perspectiva eliasiana, que nunca é construída a partir de uma visão estática ou essencialista. A hierarquia é estabelecida, e de forma precária, no início de um processo social que irá em direcção a novos pontos de desequilíbrio e de ruptura. Mais a mais, Norbert Elias não pretendeu erigir a sociedade de corte como o único organismo social de disciplinamento das emoções, mas como um dos mais significativos. Há que dizer que Daniel Gordon não distinguiu suficientemente a noção de processo de civilização da noção de processo de convergência social relativamente às normas, aos valores e às formas de comportamento que levam à noção de igualdade; dessa forma, ele endureceu demasiado a perspectiva do sociólogo, que sempre destacou as formas de controlo e de dominação. Emmanuel Le Roy Ladurie, por seu turno, lançou o seu ataque em relação à bibliografia ultrapassada, às fontes, nomeadamente as *Mémoires* de Saint-Simon, com um mau trabalho de edição e utilizadas em traduções e retroversões que se afastavam do original. Estas considerações são justificadas, mas falharam o alvo ao não distinguirem a perspectiva experimental de Elias, que utilizou a sociedade de corte para estabelecer o quadro de uma demonstração viável da interdependência dos indivíduos moldada por um ambiente social preciso. O trabalho crítico de Jeroen Duindam, *Myths of Power: Norbert Elias and the Early Modern European Court*, é muito mais interessante e eficaz, já que permitiu aprofundar a visão histórica da sociedade de corte⁴¹.

Roger Chartier desempenhou um papel notável na crítica da crítica, sobretudo no prefácio da segunda edição da tradução francesa de *La Société de cour*, mas também no longo texto que escreveu para a *Histoire de France* dirigida por André Burguière e Jacques Revel⁴². O processo de civilização é colocado no início do texto, que é inspirado em Elias no que diz respeito ao papel significativo da sociedade de corte; mas, ao sair do domínio exclusivamente francês, ele fornece uma dimen-

41 Jeroen Duindam, *Myths of Power: Norbert Elias and the Early Modern European Court*, (Amesterdão: Amsterdam University Press, 1995).

42 Roger Chartier, "Trajectoires et tensions culturelles de l'Ancien Régime," in *Histoire de la France. Les formes de la culture*, ed. André Burguière e Jacques Revel (Paris; Seuil, 1993), 307-93.

são complementar. Sobretudo ao se centrar na descristianização e laicização e no sistema de patrocínio monárquico. Mesmo se Chartier não dirigiu críticas a Elias neste âmbito, há que reconhecer que a religião não foi suficientemente integrada por Elias, não somente em *La Sociétés de cour*, mas também na análise que nos deixou do Antigo Regime.

Também os estudos de Elias sobre o nacionalismo alemão foram acusados de serem demasiado baseados no modelo prussiano e no protestantismo, e é uma crítica pertinente. Uma outra crítica diz respeito à focalização excessiva na disciplina social e na auto coerção individual, que não teria deixado que Elias se desse conta de algumas viragens históricas fundamentais, com excepção das revoluções, especialmente a Revolução Francesa; mas é necessário responder aqui que as conclusões surgem em função dos problemas formulados. Mais complicado, no meu entender, é o evolucionismo de Elias, embora ele tenha rejeitado a visão de um progresso contínuo e cumulativo, introduzindo a noção de ruptura no processo de civilização (uma noção também evocada por Horkheimer a propósito da barbárie nazi), que seria provocada sobretudo pelas guerras, quando as normas de comportamento deixam de ser seguidas. Em todo o caso, o evolucionismo *nuancé* de Norbert Elias pode ajudar a explicar a continuidade do seu sucesso até à actualidade, por via do regresso desse paradigma nas ciências sociais.

Em 1985, Pierre Bourdieu convidou Norbert Elias a dar aulas no Collège de France e na École des Hautes Études en Sciences Sociales. Bourdieu apresentou Elias como o sociólogo modelo, que fez o que ele gostaria de fazer. Nessa altura, eu seguia os seus cursos e assisti à conferência de Elias sobre «As continuidades e discontinuidades do saber da Babilónia até aos nossos dias». Ele esteve à altura da lenda: aos 88 anos, insistiu em ficar de pé frente ao anfiteatro, falando ao longo de uma hora sem apontamentos (e sem se mexer), com uma clareza extraordinária. Tanto quanto sei, esta conferência nunca foi publicada, mas guardo-a sempre na memória. Ele defendia que os intelectuais religiosos dominam a sociedade europeia nos períodos de insegurança colectiva, ao passo que os intelectuais laicos tomam as rédeas nos períodos relativamente pacíficos. Havia ali, sem dúvida, algo de Karl Man-

nheim, cuja influência não foi suficientemente reconhecida por Elias, mas havia também o cruzamento da perspectiva da longa duração com a percepção aguda da conjuntura: o episódio da morte imposta a Sócrates era lido como implicando a transição de uma sequência à outra. Elias respondia também àqueles que o acusavam de evolucionismo, visto que a sua perspectiva não só rompia com a ideia de continuidade como também deixava o futuro em aberto. Finalmente, o aspecto religioso era reintroduzido e ligado aos sentimentos de insegurança e de medo, tão bem trabalhados, aliás, por Delumeau num âmbito menos imutável.

Eu utilizei Elias sobretudo nas minhas investigações do início de carreira. A crítica da separação entre o Estado e a sociedade acompanhou-me em toda a minha vida académica. A importância dada aos sentimentos e às emoções ajudou-me a formular as questões que guiaram as minhas pesquisas sobre a magia e posteriormente sobre a Inquisição. É verdade que nunca dependi de um autor singular ou de uma teoria exclusiva; outros autores, como Max Weber, Erving Goffman, Alphonse Dupront, Pierre Bourdieu ou Michel Mann também me estimularam na minha procura de soluções para os problemas que formulava. No meu trabalho sobre a expansão europeia ou sobre o racismo, deixei praticamente de lado a leitura de Elias, mesmo se muitas vezes o seu método vinha ter comigo de forma implícita. Mais recentemente, tive que escrever um texto sobre a noção de humanidade e me confrontar com o caudal de publicações sobre a História dos Direitos Humanos, que se multiplicaram ao longo dos últimos 20 anos.

Ao consultar *La Société des individus* dei-me conta de que Elias tinha pressentido o debate que se desenrola actualmente. Ele via na emergência da questão dos Direitos Humanos uma resposta à integração supranacional a todos os níveis, uma integração que questiona o *habitus* dos indivíduos e a sua identificação com grupos restritos. A identidade de todos nós operando ao nível da humanidade inteira, se seguirmos Elias, está em vias de despontar; o que explica a instrumentalização dos Direitos Humanos para limitar o direito do Estado a dispor dos indivíduos. Trata-se não somente da protecção do indivíduo

contra uma detenção ou um processo formal não legítimo, mas sobretudo do direito a procurar uma morada ou a trabalhar onde queiramos. Desta forma, os Direitos Humanos são vistos como um sinal da passagem do Estado à humanidade como unidade dominante, uma transição interpretada pelo ângulo de um novo impulso de individualização e de interdependência à escala global⁴³. Talvez Elias tenha sido aqui demasiado optimista, mas as suas reflexões são estranhamente estimulantes num mundo em profunda evolução em direcção a um novo modelo de sociedade.

Referência para citação:

Bethencourt, Francisco. “Norbert Elias: a contribuição da Sociologia para a História europeia.” *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 4 (2017): 11-36.

43 Norbert Elias, *La Société des individus*, 300-01.